



HISTÓRIA DA ENFERMAGEM CAMPINEIRA: MEMÓRIAS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM SEÇÃO SÃO PAULO – REGIONAL CAMPINAS

Gislaine Cavalcante Raposo¹

Eliete Maria Silva²

Resumo

Estudo histórico-social para reconstrução de memórias da enfermagem campineira, através da história oral e análise de documentação. Entrevistamos profissionais que atuaram na Associação Brasileira de Enfermagem/Seção São Paulo – Regional Campinas. As análises evidenciaram preocupações destes personagens tais como: dificuldades no recrutamento de sócios e no trabalho em grupo, reuniões com pequena participação e falta de sede própria. Os dados nos permitiram compreender detalhes do trabalho associativo e a recorrência de dificuldades e estratégias, denota um passado com fragilidades na organização da enfermagem na realidade local em contraste com a participação inequívoca desta categoria profissional na construção de serviços e do sistema de saúde com reconhecida qualidade no cenário nacional.

Descritores: enfermagem, história da enfermagem, associação.

HISTÓRIA DE LA ENFERMERÍA CAMPINEIRA: MEMÓRIAS DE LA ASOCIACIÓN BRASILEÑA DE ENFERMERÍA SEÇÃO SÃO PAULO – REGIONAL CAMPINAS

Resumen

Estudio histórico-social para la reconstrucción de memorias de la enfermería de la ciudad de Campinas-SP/Brasil, por la historia oral e análisis documentales. Entrevistamos profesionales atuantes en la Asociación Brasileña de Enfermería / Seção São Paulo – Regional Campinas. Las análisis evidenciaran preocupaciones de las personalidades tales como: dificultades en lo reclutamiento de socios y en lo trabajo en grupo, reuniones con pequeña participación e falta de sede propia. Los datos nos permitiram comprender detalles de lo trabajo asociativo y la recurrencia de dificultades y estrategias, denota un pasado con fragilidades en la organización de la enfermería en la realidad local en contraste con la participación indudable de la categoria

¹ Acadêmica do último período da Graduação em Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP.

² Doutora em Enfermagem pelo Programa Inter-unidades de Doutorado da Universidade de São Paulo. Livre docente do Departamento de Enfermagem da FCM da Unicamp. emsilva@unicamp.br

profesional en la construcción de servicios y de lo sistema de salud con reconocible calidad en lo escenario nacional.

Descriptores: enfermería, história de la enfermería, asociación.

HISTORY OF NURSING AT CAMPINAS CITY: MEMORIES OF THE BRAZILIAN NURSING ASSOCIATION - SÃO PAULO SECTION – CAMPINAS

Abstract

This paper rebuild the memories of nurses at the Campinas city, by oral history and documentary analysis. We interviewed professionals who worked in the Brazilian Nursing Association - São Paulo Section – Campinas. The analysis showed worried about: difficulties in the recruitment of a new members, in the team work, meetings with little participation and the need of a proper space. The data allowed us to comprehend details of the associative work and often occurrence of the difficulties and strategies, indicated a past with fragilities in the nursing organization in the local scene in contrast with the invaluable participation of these professionals in building the health services and systems with qualities recognized in the national field.

Descriptors: nursing, history of nursing, association.

Introdução

Através do resgate da memória da entidade de classe, suas lutas, conquistas e percalços documentamos e reconhecemos o percurso histórico da Associação Brasileira de Enfermagem – Seção São Paulo (ABEn/SP) - Regional Campinas. Há uma diferenciação entre memória e história. A memória é a vida carregada pelos grupos vivos e, nesse sentido, está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, vulnerável a todos os usos e manipulações. A memória é atual, a história é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais, a designação do passado vivido ¹.

Na busca de informações sobre a trajetória da associação no contexto local identificamos que a mesma estava restrita a poucos documentos, relatórios e livros atas. Entretanto, havia a possibilidade de reconstruir parte desse passado dos grupos que permanecem vivos, ativos e presentes e, com a sistematização desses documentos, dar visibilidade histórica à ABEn/SP - Regional Campinas antes que o desgaste causado pelo tempo apague registros importantes.

Na história dos serviços de saúde no Brasil há diversas referências sobre a importância do município de Campinas, particularmente no último quartil do século XX²⁻⁴. Contudo, somente a partir do presente século é que se desenvolvem estudos sobre a participação da enfermagem nesse processo. ⁵⁻⁸

É inequívoca a relação da ABEn com as questões da educação. Tanto em âmbito nacional, como Raimunda Germano destacou em seu estudo ⁹, quanto em estudos sobre a entidade em âmbito estadual, no Piauí ¹⁰ e no Ceará ¹¹ tal relação se mantem. No cenário específico de Campinas, o estudo da implantação da graduação assinala que a marca pessoal e pouco institucional esteve presente na experiência vivida na enfermagem ¹². Mas a relação da ABEn em âmbito municipal não havia sido estudada e apresentava muitas lacunas em seus registros e documentação, assim, nos mobilizamos para a pesquisa que ora apresentamos. E como a história não existe se não for registrada, contada e preservada ¹¹. A história da enfermagem tende a nascer e retroalimentar-se da prática e está em movimento constante de mudanças em busca crescente de qualidade e complexidade, sendo esse movimento pontuado por contradições, convergências e decadências ¹³.

A Associação Brasileira de Enfermagem foi fundada em 1926, no Rio de Janeiro, então capital federal, como Associação Nacional de Enfermeiras Brasileiras Diplomadas. Para que cada estado pudesse ter a sua organização mudou o nome para Associação Brasileira de Enfermeiras Diplomadas (ABED) em 1944 ¹⁴.

Desde sua origem é uma associação de caráter cultural, científico e político com personalidade jurídica de direito privado e que congrega enfermeira(o), e posteriormente agregou obstetrizas, técnico(a) de enfermagem, auxiliares de enfermagem e estudantes de cursos de graduação e de educação profissional, habilitação técnico de enfermagem que a ela se associam, individual e livremente, para fins não econômicos ^{15 - 16}.

Foi Zaíra Cintra Vidal na presidência da entidade no período de 1943-1947, que ao retornar de uma visita aos Estados Unidos, lançou a idéia da criação de núcleos da entidade nos diversos Estados da Federação, ocasião em que disse *“que era impossível uma só associação congregar todos os enfermeiros”* ¹⁵.

O primeiro passo para a efetivação desta estratégia foi dado por um grupo de enfermeiras do Hospital São Paulo que iniciou uma discussão quanto à organização de uma Associação Estadual tendo sido, inclusive, elaborados estatutos provisórios. No entanto, ao invés de uma Associação Estadual foi criado, em 26 de abril de 1945, um núcleo da Associação que foi denominado de Seção São Paulo ¹⁵.

A relação entre a enfermagem paulista e a ABEn Nacional é intensa e marcante, assim, este estudo teve como objetivo geral contribuir para a criação de um arquivo histórico, incluindo acervo oral de depoimentos e organização de documentos escritos para a preservação da memória de ABEn/SP – Regional Campinas, de modo a disponibilizar fontes primárias sobre os

principais fatos que envolveram a criação e as gestões em âmbito local da Associação Brasileira de Enfermagem e recuperar uma parcela da história da enfermagem campineira para futuras pesquisas acerca da entidade.

Metodologia

Trata-se de estudo de natureza histórico-social. Nessa perspectiva, buscamos recuperar a história da vida social de pessoas escolhidas que protagonizaram os fatos, que vivenciaram o tempo estudado em seus relatos¹⁷. Com o intuito de enfatizar a produção histórica dos sujeitos e com o propósito de preencher lacunas, devido à carência de documentação sobre o objeto do estudo, optou-se por trabalhar com a história oral como recurso que possibilita construir documentos a partir das entrevistas e pesquisa em relatórios de atividades, atas de assembleias e reuniões da ABEn/SP - Regional Campinas.

A história oral tem sido utilizada principalmente quando se tem a preocupação com o registro, arquivo e análise da documentação colhida, inclusão de histórias e versões ainda não reconhecidas. O método escolhido implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje, pois o processo histórico não está acabado¹⁸. A razão de ser da história oral é a presença do passado no presente das pessoas, que oferece mudanças no conceito de história e com isso “garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto que vivem.”^{19:34}

A coleta dos depoimentos utilizou a técnica de entrevista semi-estruturada, também chamada “aberta” ou “conversa com finalidade”²⁰. Os participantes foram convidados através de contatos eletrônicos e telefonemas. Incluiu-se aqueles com história de participação na diretoria da ABEn/SP - Regional Campinas e com disponibilidade de participar da pesquisa. Obtivemos endereços eletrônicos ou telefone de onze enfermeiros dos diversos períodos estudados. Após repetidos contatos, apenas seis aceitaram participar da pesquisa. As negativas à participação nem sempre foram explícitas. Quando ocorreu foi por indisponibilidade de conciliar agenda com a entrevistadora no período de coleta dos dados, entre fevereiro e outubro de 2008.

Os entrevistados tiveram diferentes momentos de participação na história da entidade, sendo possível identificar sua presença nas três últimas décadas do século passado, período que coincide com a inserção da enfermagem nos serviços de saúde no município, e no final da década corrente.

Os entrevistados tiveram ampla liberdade de se expressar e os depoimentos foram gravados com autorização, conforme preceitos éticos³. Após leituras das transcrições, passamos para etapa da “transcrição”, ou seja, trabalhamos as entrevistas utilizando pressupostos da tradução¹⁸, a recriação, quando interferimos na construção do texto, para maior clareza do mesmo. As entrevistas foram então enviadas para os depoentes e aguardamos validação dos mesmos para serem disponibilizadas para o arquivo da entidade.

Posteriormente às leituras da integralidade de cada entrevista, realizamos os recortes de conteúdos relevantes e recorrentes do tema estudado. Paralelamente, cotejamos as informações dos depoimentos com os dados obtidos nas fontes secundárias, relatórios de gestão e nos dois livros até disponíveis. Reconstituímos as memórias procurando manter uma ordem lógica dos acontecimentos e movimentos, recuperando uma parcela da atuação da ABEn no município de Campinas, na organização dos serviços de saúde e de enfermagem.

Resultados e Discussões

Abordaremos a seguir os recortes temáticos sobre as origens, o declínio e recomeço da organização associativa, a questão da sede e a relação com a enfermagem e a saúde no município e no cenário nacional.

No II Congresso Nacional de Enfermagem, realizado no Rio de Janeiro no mês de novembro de 1947, foi aprovada a alteração no Estatuto da Associação que passou a mencionar os núcleos na sua estruturação organizacional. A partir de então, estes núcleos foram denominados de Seções nos Estados e de Distritos nos Municípios¹⁵, alterada para Regional na revisão estatutária ocorrida em 1986, conforme descrito nas atas pesquisadas.

A partir das décadas de 1940 e 50, inicia-se um processo de expansão da entidade com a criação de Seções da Associação em alguns estados da Federação. No município de Campinas, a fundação desta Regional teria ocorrido, segundo documentário realizado por Anayde Correa de Carvalho¹⁵ entre os anos de 1955 e 1956. Contudo, o documento mais antigo encontrado nos arquivos é um ofício de 20 de abril de 1970, data que coincide com o depoimento de uma das entrevistadas ao ser questionada sobre como havia sido sua participação na ABEn:

“Eu participei da ABEn logo na, que eu saiba deve ter sido na primeira parte, desde que surgiu a associação em Campinas, foi entre 1967 e 1970, que eu acho que foi criada a ABEn, e (...) a

³ O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, em conformidade com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde 196/96, no mês de agosto de 2007, conforme parecer nº. 515/2007.

fundadora que eu acho que foi da ABEn Campinas, ela se chamava Bernadete era uma enfermeira da cardiologia, ela viu a ABEn de São Paulo e resolveu criar o núcleo de Campinas”.

O ideário das enfermeiras pioneiras da ABEn era o fortalecimento da categoria através da união estabelecida em torno de uma Associação. A criação dos distritos facilitava o acesso das enfermeiras particularmente daquelas que atuavam nas cidades do interior. A maioria destes núcleos, em vários estados do País, foi criada no interior de Escolas de Enfermagem e/ou por iniciativa de docentes e diretoras das Escolas, os quais ocupavam a maioria dos cargos nas diretorias.

A Regional Campinas contou em suas diretorias com professores do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e da Faculdade de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC), mas também incluiu protagonistas dos serviços de saúde, particularmente do Hospital das Clínicas e do Centro de Atenção Integral à Saúde da Mulher vinculados à Unicamp, do Hospital e Maternidade Celso Pierrô, pertencente à PUCC, e do Hospital Municipal Mário Gatti, sendo que estes serviços de saúde são também voltados para a formação profissional em saúde. Conforme pode ser visualizado no quadro sobre os componentes da ABEn/SP Regional Campinas que construímos.

Havia rotatividade entre os membros da diretoria nos cargos da associação; as enfermeiras, em geral, tinham compromissos familiares ou profissionais que dificultavam assumir papéis na associação e participar de todas as reuniões; até 1976 as presidentes ficaram no cargo por no máximo dois anos. Entre 1976 e 1984, a Presidente se manteve por dois mandatos. Em 1985, houve um período crítico no Distrito: a presidente pediu afastamento, por questões familiares, mas a diretoria não aceitou seu pedido e as reuniões passaram a ocorrer na sua residência, para se tornarem viáveis. Há outro período crítico compreendido entre 1999 e 2007, quando não foram localizados registros em atas ou relatórios de atividades.

Componentes da ABEn/SP Regional Campinas de 1970 a 2010, conforme memória coletiva e documental.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM – SEÇÃO SÃO PAULO – REGIONAL CAMPINAS				
GESTÃO a,c	DIRETORIA ^a	ASSOCIADOS ^{a,b,c}	ENTREVISTAS	SERVIÇOS/ UNIVERSIDADES ^{a,b}
1970	Presidente: Maria Bernadete Garcia Tesoureira: Maria Lydia F. de Godoy			- Hospital das Clínicas - Unicamp

1971	Presidente: Elzira Horschult Tesoureira: Maria Lydia F. de Godoy			
1972-1975	Presidente: Maria Lydia F. de Godoy Tesoureira: Maria Cecília Cardoso Benatti	25 – 1972	*	- Hospital das Clínicas - Unicamp
1976 – 1980	Presidente: Maria Euridéa de Castro Vice Presidente: Célia Maria Bosqueiro Secretária: Reni de Paula Marcchi Segunda Secretária: Neusa Maria Costa Alexandre	34 – 1976 59 – 1977 105 – 1978 109 – 1979		- Departamento de Enfermagem da FCM – Unicamp - Hospital da Clínicas – Unicamp
1980 – 1984	Presidente: Maria Euridéa de Castro Vice Presidente: Maria da Glória Lima Primeira Secretária: Ironita Dionízia da Costa Segunda Secretária: Neusa Maria Costa Alexandre	115 – 1980 (11 estudantes)		- Departamento de Enfermagem da FCM – Unicamp - Hospital da Clínicas – Unicamp
1984	Presidente: Rosângela Corghi Gonçalves Vice Presidente: Elza Seganfredo Primeira Secretária: Maria Inês Monteiro Segunda Secretária: Flora Giglio		*	- Hospital das Clínicas - Unicamp - Departamento de Enfermagem – FCM- Unicamp
1985 – 1986	Presidente: Creusa Guimarães Madeira Vice Presidente: Elza Seganfredo Secretária: Adelaide de Mattia Primeira Secretária: Maria Inês Monteiro			- Departamento de Enfermagem – FCM - Unicamp - Santa Casa
1987 – 1988	Presidente: Eloísa Aparecida Guedes Vice Presidente: Hélio Rogério Nunes Secretária: Arlete de Souza Barros Primeira Secretária: Regina H. Von Atzengem	20 – 1987 105 – 1988		- Departamento de Enfermagem – FCM – Unicamp - Centro de Atenção a Saúde da Mulher da Unicamp - SENAC
1989	Presidente: Aloísio Olímpio Vice Presidente: Ianê Nogueira do Vale Secretária: Maria Inês Monteiro Cocco		*	- Centro de Atenção à Saúde da Mulher da Unicamp - Departamento de Enfermagem – FCM – Unicamp
1990	Presidente: Ianê Nogueira do Vale Secretária: Maria Inês Monteiro Cocco		*	- Centro de Atenção a Saúde da Mulher da Unicamp - Departamento de Enfermagem – FCM – Unicamp

1991 – 1992	Presidente: Maria Inês Monteiro Vice Presidente: Mayra Nogueira Secretária: Rosângela Ottorino Primeira Secretária: Ana Luiza Meres	160 – 1991 27 – fev/1992		- Departamento de Enfermagem – FCM – Unicamp - Colégio Técnico de Enfermagem Unicamp
1992 – 1995	Presidente: Úrsula M. Zeller Secretária: Ana Luiza Ferreira Meres Primeira Secretária: Solange Farias Ribeiro			- Centro Médico de Campinas - Hospital das Clinicas - Unicamp
1995 – 1998	Presidente: Kátia Stancato de Aquino Vice Presidente: Gadmar Oliveira Primeira Secretária: Solange Farias Ribeiro Secretário: Lissandro Luis Pinto da Silva	282 - 1996 (83 estudantes)	*	- Departamento de Enfermagem – FCM – Unicamp - Hospital das Clinicas - Unicamp
1998 – 2001	Presidente: Ioná Ferreira da Rocha Marquez Secretário Geral: Déjnis Cristina Bussolin Primeira Secretária: Ana Maria Maioli Primeira Tesoureira: Zuleide Aparecida Lima Segundo Tesoureiro: Laercio Valvassoura			- Hospital Municipal Dr. Mario Gatti
2001 – 2004	Presidente: Ronaldo Guimarães Garcia Secretário Geral: Laercio Valvassoura Primeira Tesoureira: Ioná Ferreira da R. Marquez Segunda Tesoureira: Zuleide Aparecida Lima			- Hospital Municipal Dr. Mario Gatti
2004 – 2007	NÃO HOUVE ELEIÇÕES			
2007 – 2010	Presidente: Eliete Maria Silva Secretaria Geral: Sueli Fátima Sampaio Primeira Secretária: Inaiáh Pinhel Primeira Tesoureira: Silvia RT Bartolomei Segundo Tesoureiro: Mauro A. Pires Dias da Silva	155 – set/2008 (43 estudantes)	*	- Departamento de Enfermagem- FCM- Unicamp - Departamento de Enfermagem da PUCG

Fonte dos Dados: a – Livros Ata, b – Relatórios de Atividades, c- Entrevistas

Como no estudo de Nóbrega-Therrien e cols.¹¹, entendemos que a perda do acervo histórico da entidade em âmbito local pode ser devida às mudanças, que envolvem transporte e

acondiçãoamento, dificuldade das instituições parceiras da ABEn na preservação do acervo e falta de consciência histórica das enfermeiras sobre a importância para a profissão.

Nas entrevistas destacou-se a vinculação com a ABEn Nacional enquanto realizadora de eventos científicos, como entidade parceira do aprimoramento profissional. Ao mesmo tempo, mostrou-se recorrente a necessidade de desenvolver estratégias para agregação de associados, as perspectivas de participação passavam pelas individualidades, não sendo identificados projetos grupais ou institucionais de valorização da entidade no cenário local.

Por exemplo, as perspectivas da gestão eleita em 1972 eram: o incentivo aos colegas a participarem da ABEn; reuniões no mínimo, mensais, para tratar de assuntos diversos; convênio de tratamento odontológico com desconto para sócios. A participante desse período diz: *“Nós éramos poucas enfermeiras, e não tinha uma coisa muito bem organizada, ficava praticamente a Bernadete fazendo tudo. Não tinha uma equipe formada, reuniões formais. Ela fazia eventos(...)trouxe o Zerbini [responsável pelo primeiro transplante cardíaco] para dar uma palestra para gente e trouxe o do renal também.(...) Mas o que era frustrante é que a gente anunciava, mas daí pouca gente participava. Às vezes precisávamos convidar o palestrante para um jantar, porque eram poucas e acabávamos tendo uma conversa, fazíamos algumas perguntas. Isso era frustrante porque tinha muito poucos enfermeiros em Campinas”*.

Em 1975, no XXVII Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn) participaram 11 sócios, o que representava quase metade dos 26 sócios quites naquele ano. No ano de 1976 houve eleições e palestras de esclarecimento sobre o recém-criado Conselho Federal de Enfermagem (COFEN).

As discussões e reivindicações por fiscalização e respaldo jurídico da ABEn possibilitou a criação do Conselho Federal de Enfermagem e os Conselhos Regionais de Enfermagem, em 1973, e dos sindicatos dos enfermeiros, também na década de 1970. Contudo, a obrigatoriedade do registro no COREN para o exercício profissional, fez com que alguns deixassem de lado a participação na Associação, esta sim optativa.

As atividades periódicas de grande destaque na associação eram o Congresso Brasileiro de Enfermagem (CBEn), as reuniões com a Seção São Paulo e Assembléias Nacionais e Estaduais de Delegados da ABEn, para os quais eram enviados membros da diretoria e/ou sócios da Regional e eventos tais como, jornadas, cursos e seminários.

Estes eventos, além de tradicionalmente abordarem os temas relacionados à prática profissional dos enfermeiros, foram e continuam sendo um espaço de encontro para troca de experiências e intercâmbio entre as profissionais de diversos estados brasileiros e de outros

países. Nos Congressos a categoria toma conhecimento dos encaminhamentos políticos da entidade e, das questões pertinentes à qualificação do pessoal de Enfermagem.

O Relatório de Atividades de janeiro a junho de 1979 tratou das atividades da Semana Brasileira de Enfermagem, com palestrantes do Departamento Enfermagem da Escola Paulista de Medicina (Unifesp), da USP (São Paulo e Ribeirão Preto), da UFSCar, da Faculdade de Ciências Médicas e Hospital das Clínicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), convidados ilustres como a Presidente da ABEn Nacional, Professora Dra. Ieda Barreira e Castro, o Secretário de Saúde de Campinas, Dr. Sebastião de Moraes, e o Prefeito de Campinas à época, o Sr. Francisco Amaral.

Ainda sobre esse período uma das entrevistadas diz: *“no tempo da Euridéia eu participei de bastante reuniões que elas faziam, teve uma época que a ABEn ficou muito ligada a São Paulo e eu ia nas reuniões em São Paulo, nos congressos, teve uma época que quase uniu”*. Esse tipo de acontecimento de reuniões conjuntas se deu devido ao fato do número reduzido de sócios inclusive na Seção São Paulo, as reuniões das Regionais acontecendo junto aproximava os profissionais.

Campinas estava nesse momento com o início da inserção da enfermeira graduada nos serviços do município ⁶. Tal fato converge com o depoimento de uma das entrevistadas também em relação aos serviços estaduais, como o Hospital das Clínicas da Unicamp:

“Só tinha a escola de enfermagem, depois as freiras voltaram pra São Paulo e deixaram a gente fazendo parte da enfermagem da Santa Casa (...) éramos umas sete ou oito enfermeiras em todo o município de Campinas, os outros eram atendentes e auxiliares de enfermagem.(...) O aumento do número de enfermeiras foi a partir dos anos 70, aí é que começou a surgir mais enfermeiros, principalmente pelo HC”.

Podemos inferir que a dificuldade das enfermeiras em constituir uma consciência política no sentido de valorizar a ABEn como entidade representativa da categoria, está relacionada à própria história da profissão que, sendo profissão predominantemente feminina, constituiu-se como ponto importante no processo de emancipação da mulher, sem contudo entrar em conflito com a ordem social vigente ²¹. Apesar da profissão de Enfermagem se tornar, gradativamente, uma opção atrativa para absorção de mulheres no mercado de trabalho, as profissões que usufruíam prestígio social, nos anos 1970 e início da década de 1980, eram exercidas predominantemente por homens, o que dificultava a influência das enfermeiras na vida política ²².

A interferência da vida pessoal no processo organizativo da associação foi mencionada nas entrevistas e nas atas. Tanto em aspectos relativos à residir em outra cidade da região

metropolitana de Campinas quanto por necessidade de conciliar as reuniões com o exercício de atividades caracteristicamente femininas, como amamentar e cuidar de crianças pequenas. Contudo, não se delineava uma perspectiva crítica acerca das questões de gênero, reconhecidas em momentos posteriores nas práticas e nas relações políticas da enfermagem²¹.

A ABEn em âmbito local, como representante da categoria de enfermeiras, não obtinha a coesão da Enfermagem como um todo, uma vez que a mesma encontrava-se dividida em diversas categorias profissionais, além dos atendentes de Enfermagem, que não possuíam formação profissional específica para atuar; sendo assim, não conseguia conciliar as reivindicações de cada uma delas, pois lutavam para atingir interesses próprios que, na maioria das vezes, não eram convergentes entre si¹³.

Este declínio da participação tanto se relaciona com a consolidação dos conselhos, quanto com a participação sindical, que também apresenta dificuldades. “As explicações para isto são as mais variadas, cabendo a responsabilidade, ora às diretorias sindicais ora aos próprios trabalhadores. Todavia, provavelmente a melhor explicação se relacione às práticas autoritárias e pouco participativas, que encontramos, historicamente em nossa sociedade, em todas as instituições e esferas”^{22:492}.

Nas entrevistas identificamos em três momentos o tema da participação política. Um primeiro no final da década de 1980, em que se destaca a necessidade da representação política, contudo numa perspectiva restrita de política como presente no poder legislativo, como se não houvesse política em todos os âmbitos da sociedade, nas representações civis e nas relações cotidianas. O segundo, em que se reconhece a política dentro da entidade, no movimento conhecido como de “Participação” na ABEn²³. O último deles foi apresentado na perspectiva atual, como parte da formação profissional, a dimensão ético-política, parceira das dimensões técnico-científica e sócio-educativa, estas já melhor desenvolvidas na profissão.

No início da última década do século XX um assunto novo surge nas reuniões, ao tentar registrar em cartório a ata da nova diretoria, identificou-se que há tempos nenhuma ata era registrada levando a se considerar a entidade em âmbito Regional irregular, principalmente devido ao desaparecimento da ata de fundação e do estatuto original. Decidiu-se então entrar em cartório com o pedido de registro através dos documentos encontrados pela nova diretoria. Essa legalização ocorreu em setembro de 1994, a presidente inicia a reunião falando sobre a assembléia que ocorreu na ABEn Seção São Paulo, em que a Regional Campinas foi legalizada em âmbito associativo e criada a ata de abertura, confirmando os cargos da diretoria e constituindo assim a existência de fato e de direito da Associação em Campinas. E também foram comunicadas

as áreas de abrangência da Regional, contando com 45 municípios, entre eles: Americana, Monte Mor, Santa Bárbara, Vinhedo, Mogi Mirim, Jaguariúna, Santo Antônio da Posse, Limeira, Cordeirópolis, Pirassununga, Rio Claro, São João da Boa Vista, São Sebastião da Gramma, Cosmópolis, Nova Odessa, Sumaré, Artur Nogueira e Paulínia.

Estando oficializada a entidade, o problema que permanecia era com a falta de profissionais dispostos a preencher os cargos da diretoria regional. Ao mesmo tempo: *“verificando uma participação maior dos enfermeiros na minha gestão, teve uma participação muito grande não só como sócios, mas também grandes participações, com enfermeiros e nos eventos que eu realizei”*. O assunto “cargos vagos” na diretoria voltou a ser discutido e desencadeou nova eleição.

Com as mudanças ocorridas em 2001 no Código Civil Brasileiro, foram necessárias adequações nas entidades civis. Tal fato foi destacado na última gestão pesquisada, quando o registro da entidade em âmbito local novamente é apontado como problemático na entrevista.

A Questão da Sede

Uma das muitas questões que gerou debates na associação era a dificuldade de manter uma sede própria para o funcionamento adequado da entidade, o atendimento aos seus associados e um local apropriado para guardar a documentação, as revistas e arquivos.

Em grande parte da década de 70, a ABEn funcionou nas dependências da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp, na Rua Benjamim Constant, próxima à Prefeitura Municipal e à Santa Casa de Misericórdia de Campinas. No ano de 1981, conseguiu-se uma sede própria para a ABEn, que ficava na rua Tiradentes, nº 533, no Bairro Guanabara. Em julho de 1982, a sede foi deslocada para à Avenida Moraes Salles, nº 892, 12º andar. Por muitos anos, como a sede ocupou uma sala, em geral, suficiente apenas para acomodar uma escrivaninha, um armário ou estante e algumas cadeiras; as reuniões ordinárias eram feitas em outras localidades como anfiteatro ou sala de aula da FCM-Unicamp, no SENAC, sala de reuniões na PUCC ou no HC-Unicamp.

Em 1984, a sede estava localizada em avenida central da cidade. Segundo a ata de uma das reuniões, em razão do aluguel que subiu no decorrer do ano, foi requisitado um espaço no HC-Unicamp ou no Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências Médicas para abrigar a sede, porém o pedido foi indeferido.

Contudo, consta no Relatório de Atividades 1984-1986 que a sede provisória da ABEn era no Departamento de Enfermagem da FCM - Unicamp; mas as reuniões eram realizadas no SENAC. As propostas descritas: aumentar o número de sócios, publicação do Boletim Informativo de Campinas, difusão da Enfermagem para estudantes do ensino secundário, atual nível médio de

ensino, e realização de cursos. Para minimizar a falta de uma sede própria e de uma secretária fixa para o serviço burocrático da associação foi organizada, no ano de 1987, uma escala dos membros da diretoria para que se disponibilizassem ao atendimento dos sócios.

Estas informações nos mostram os limites da influência da entidade para o desenvolvimento da profissão e a preocupação das lideranças com a organização associativa da categoria, bem como a precariedade das instalações ocupadas pela associação e das relações entre os membros que tecem a (in)sustentabilidade da entidade.

Em dezembro de 1989, retorna a questão da sede própria para a Associação. Há comentários dos associados sobre a desarticulação do Sindicato dos Enfermeiros em Campinas e uma sugestão da ABEn para a problemática da sede é que as três entidades (ABEn/SP Regional Campinas, COREN-SP Regional Campinas e Sindicato em Campinas) pudessem compartilhar um mesmo local, diminuindo as despesas com aluguel e funcionários, porém essa idéia não consta nos depoimentos e nem em documentos posteriores.

As reuniões atuais da ABEn ocorrem normalmente na PUC – Campinas, em virtude da facilidade de acesso da maioria dos membros da diretoria e associados, salvo em algumas ocasiões em que estas ocorrem na Unicamp, porém ainda não possuem uma sede definitiva, contudo o material da ABEn está numa sala de professor, membro da diretoria, no Departamento de Enfermagem da FCM/Unicamp. Com a idéia de expandir a participação de mais profissionais houve uma aproximação com o Instituto de Saúde Integrada do sindicato dos trabalhadores da saúde de Campinas, pois é referido que eles estão restaurando parte da antiga Santa Casa de Campinas e ofereceram espaços para reuniões e eventos, porém devido aos compromissos dos associados e membros da diretoria não foi possível transferir as reuniões para lá.

A comunicação com os associados

Identificamos dois instrumentos de comunicação da ABEn SP Regional Campinas: o Boletim Informativo de Campinas e a Revista Campineira de Enfermagem.

O primeiro Boletim Informativo Campinas (BIC) foi impresso em set./out. de 1985, nos moldes do Boletim Informativo Paulista, divulgava cursos, eventos, reuniões e contava com patrocínio da 3M e tiragem de 500 exemplares. O número seis do BIC, em 1986, teve tiragem de 1000 exemplares. Em 1995 o BIC foi trimestral e alcançou a tiragem de 2000 exemplares. A produção deste material foi irregular.

Quanto à Revista Campineira de Enfermagem, há menção ao projeto da mesma e a necessidade de uma comissão organizadora em meados da década de 1990. Tal empreendimento

agregou pessoas em torno das atividades e dois números da Revista foram publicados em 1997 e 98, contando com parcerias das instituições de ensino e de saúde vinculadas ao ensino, que já atuavam junto à entidade.

As duas produções da ABEn SP Regional Campinas merecem estudos históricos específicos, que não cabem no escopo do presente artigo.

No período de março de 1997 a março de 2007 não encontramos registros em atas com referências aos membros das diretorias. Conseguimos estas informações através de contatos eletrônicos e telefonemas com pessoas que participaram nas gestões. Em 2004, não houve eleições. Em 2007, iniciaram as conversações sobre a reativação da ABEn/SP Regional Campinas.

O Recomeço

Os problemas com falta de espaço físico, dificuldades em manter associados e demandas profissionais dos membros da diretoria foram relatadas como problemas para atuação conjunta do grupo.

Na atualidade muita comunicação é viabilizada por meio eletrônico de modo que a atual diretoria procura a agregação de profissionais, buscando envolver todas as categorias de trabalhadores da área da enfermagem:

“Então nos tomamos uma conduta muito clara de que para todos os associados nós manteríamos a possibilidade de todos serem sempre comunicados sobre as reuniões. Realizamos reuniões abertas.(...) E uma outra postura foi a gente ter entendido que embora em uma composição de diretoria de ABEn Regional não tivesse alguns cargos, como a ABEn Seção e Nacional, nós resolvemos que ampliaríamos a nossa diretoria, ainda que não pudéssemos chamar pelo nome oficial mais chamaríamos de comissões, tentamos identificar não só entre as duas universidades mas entre os serviços, os cursos técnicos, a gente tentou abranger um grupo para ampliar a diretoria, para que as pessoas possam ir se aproximando e conhecendo, porque é de interesse de todos”.

Esta estratégia de diretoria ampliada é um expediente presente na história da Regional em momentos anteriores também, particularmente para o desenvolvimento dos eventos científicos, assim também ocorre com o atrativo de eventos culturais, por exemplo, nos anos 1990 contou com a apresentação da Orquestra Sinfônica de Campinas, regida por Benito Juarez, por ocasião da Semana Brasileira de Enfermagem. Em 2007, tal fato se reedita na posse da diretoria que foi realizada em encontro cultural no Teatro de Arte e Ofício com apresentação de peça teatral.

Ao falar sobre o futuro da ABEn/SP - Regional Campinas, diz o seguinte:

“Eu vejo a enfermagem campineira muito desarticulada enquanto enfermagem campineira por isso o nosso interesse na retomada da questão da associação porque a gente acredita que por meio dela que a gente conseguiria alavancar, e não só Campinas, mas Campinas e a região metropolitana, eu acho que a gente tem um grande corpo de enfermagem, de trabalho de enfermagem, quer na rede básica quer nos hospitais, mas muito desarticulada, isso é o nosso desejo, nós precisamos retomar... trazer essas pessoas para as discussões, inclusive as questões pertinentes ao município, acho que a enfermagem campineira tem essas oscilações. Eu acho que essa articulação é papel da associação, não só da diretoria, mas de todos associados”.

A relação com a enfermagem no município e no cenário nacional

A ABEn SP Regional Campinas contou com a presença da ABEn Nacional em três momentos: final da década de 1970, com a lida de Alencar Barreira, nos anos 1990 (em dois momentos distintos: com Francisca Valda de Oliveira e Maria Auxiliadora C. Christófar) e novamente em 2008, com Maria Goretti David Lopes. Esta ligação com a entidade nacional parece estar vinculada a tentativas de fortalecer o trabalho local.

Ao refletir sobre a situação da enfermagem no município na época de sua participação na ABEn/SP Regional Campinas, os entrevistados manifestaram opiniões tais como:

“Olha, realmente a enfermagem, estava um pouco estagnada, estava parada, mas eu acho que com a evolução, acho que a Secretaria de Saúde {Municipal}, o pessoal da preventiva, o pessoal da saúde pública, realmente eram pessoas bem mobilizadas, e realmente com a minha vinda eu tentei agregar todo esse pessoal, tanto da área de saúde pública como na área hospitalar, isso foi muito bom, na minha gestão”.

“Eu terminei o curso em 1981, com habilitação na PUCC, e foi quando a enfermagem ampliou para quatro anos, e eu acho que a enfermagem estava mais interessada, isso no meu ponto de vista, mais envolvida nas questões da profissão, da qualificação, mais ainda voltada para as questões gerenciais e lá no HC na época, começou a aumentar o número de enfermeiros e começou a querer o aprimoramento melhor, das técnicas, então me lembro muito disso. Começou a ter uma tendência a ficar mais científica, não tinha muitas pessoas que faziam a pós-graduação, e eu lembro que a ABEn na época trabalhava questões técnico-científicas, mais voltadas para o cotidiano mesmo, técnicas, não via mais como uma coisa política”.

Esta última declaração mostra que apesar de ocorrerem situações que poderiam exigir a intervenção de uma entidade representativa para agregar as enfermeiras, não havia a consciência das dificuldades enfrentadas enquanto categoria, mas sim como profissional individual, a

associação era vista como um meio para se atualizar e crescer profissionalmente, e não como uma entidade que poderia lutar por interesses coletivos. Diferentemente do processo que ocorria igualmente a partir de meados dos anos 1980, no Rio de Janeiro na entidade sindical em que há um movimento de luta por seus direitos e construção da cidadania²².

Em setembro de 1985, preocupadas com as lutas da enfermagem, durante as reuniões havia discussões sobre o projeto de Lei do Exercício Profissional e reformulação do estatuto da ABEn. Ao mesmo tempo, a ABEn também recebeu convite da multinacional IBM para falar sobre Enfermagem do Trabalho aos funcionários. As parcerias e compromissos assumidos com empresas médico-hospitalares não foram problematizados no período, em âmbito local.

Destacamos dos registros as participações da enfermagem, nem sempre através da ABEn, no Conselho Municipal de Saúde, desde os primórdios até a atualidade, que é outro tema específico que merece desenvolvimento, e na 8ª Conferência Nacional de Saúde, na qual se debateu os fundamentos do Sistema Único de Saúde (SUS). Em 1986, a Lei do Exercício Profissional foi aprovada redefinindo as funções de cada profissional de enfermagem (enfermeiro, técnico, auxiliar).

Esta lei teve um impacto significativo na conformação das práticas de enfermagem nos serviços de saúde pública, pois se realizou aqui uma ampla capacitação dos agentes de saúde e atendentes de enfermagem através do Projeto Larga Escala^{6, 24}.

A análise dos livros atas e dos depoimentos enunciam entre outras informações as preocupações que as diretorias da entidade tinham com o ensino e com a criação de escolas de enfermagem. Outras discussões envolviam o que de fato era privativo da enfermeira dentro das ações de enfermagem, as mudanças no ensino de enfermagem em nível superior, as reivindicações da jornada de trabalho máxima de 30 horas semanais e do piso de 10 salários mínimos para o enfermeiro, a necessidade de formação profissional para os atendentes de enfermagem, Sindicalização, Mercado de Trabalho, o perfil do aluno de Enfermagem que se deseja formar. Exceto a temática dos atendentes, todas estas discussões persistem até hoje.

Segundo um depoimento do final dos anos 1980 sobre a experiência de participar da ABEn houve disputas pelos cargos na época, que além do interesse político, mostra a importância e o status que ocupar um cargo na diretoria da ABEn representava, às vezes uma disputa interna no próprio local de trabalho. Contrastando com a situação mais corriqueira entre as enfermeiras que tendem a negar a ação política e apelam pela neutralidade em seu exercício profissional, inclusive nas disputas sindicais, onde é comum eleições com chapas únicas²².

Identificamos parcerias em eventos de âmbito estadual e nacional como, por exemplo, os Encontros de Enfermeiros de Hospitais de Ensino do Estado de São Paulo (ENFHESP), ocorridos na cidade em maio/1993 na segunda edição e na nona ocorrida em junho/2009, junto à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), na edição comemorativa aos 60 anos da Reunião Anual ocorrida em julho de 2008. Estes eventos convergem com a perspectiva científica, embora também seja possível identificar amplo compromisso com as questões da prática profissional e da defesa de serviços e sistemas de saúde com qualidade.

Foram publicados dois números da Revista Campineira de Enfermagem. Tal fato, associado à documentação pesquisada nos permite considerar que a ABEn campineira apesar de operar com significativa irregularidade se coaduna com a perspectiva associativa de se constituir numa prática profissional cuja meta de construção do conhecimento busca situar a enfermagem no contexto científico²⁵.

Considerações Finais

O presente artigo apresenta limitações particularmente na recuperação do contexto histórico em que se situava a enfermagem e sua entidade em âmbito local, pois se trata de tema complexo para o escopo de uma iniciação científica.

Ao recuperar a memória da atuação das enfermeiras do município, especialmente no que concerne à criação deste núcleo da ABEn, contribuímos para a preservação de parte da história da entidade, a partir do preenchimento de algumas lacunas existentes, bem como para a promoção da visibilidade social da enfermagem.

As análises das entrevistas, atas e documentos evidenciaram conhecimentos, posicionamentos e questões dos profissionais da enfermagem que atuaram e atuam na ABEn/SP Regional Campinas, nos permitiram compreender como o trabalho associativo foi e é desenvolvido compondo parcela expressiva do passado recente da profissão.

O estudo mostrou que a ABEn não é passado, mas as marcas do passado estão na performance atual da entidade que se apresenta com fortalezas e fragilidades, produtos da sua construção histórica, científica, social e política. É este autoconhecimento que favorece a compreensão das fragilidades e potencialidades coletivas da entidade na atualidade, possibilitando uma avaliação mais completa das condições para superar os obstáculos presentes.

Conhecer a história das entidades representativas de classe auxilia na reflexão dos profissionais de Enfermagem com vistas à formação de uma visão crítica de mundo, subsidiando a transformação da prática social das mulheres e da enfermagem.

Referências

1. Nora P. Entre memória e história: problemática dos lugares. Projeto História. PUC. 1993 dez; 10(1): 7-28.
2. Coelho IB. Formas de pensar e organizar o sistema de saúde: os modelos assistenciais em saúde. In: Campos GWS, Guerrero AVP (Orgs.) Manual de práticas de atenção básica: saúde ampliada e compartilhada. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p.96-131.
3. Silva Junior AG. Modelos tecnoassistenciais em saúde: o debate no campo da saúde coletiva. São Paulo, Hucitec, 1998.
4. Carvalho BG, Martin G, Cordoni Junior L. A organização do sistema de saúde no Brasil. In: Andrade SM, Soares DA, Cordoni Júnior L (org.) Bases da saúde coletiva. Londrina: UEL, Abrasco, 2001, p.27-59.
5. Silva EM, Nozawa MR, Silva JS, Carmona SAMD. Práticas das enfermeiras e políticas de saúde pública em Campinas. Cad. Saúde Pública, 2001; 17(4):989-98.
6. Nascimento EPL. As enfermeiras e suas práticas na rede básica de saúde de Campinas nas décadas de 70 e 80 [tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
7. Marques D, Silva EM. A enfermagem e o programa saúde da família. Rev Bras Enferm. 2004, 57(5):545-50.
8. Takemoto MLS, Silva EM. Acolhimento e transformações no processo de trabalho de enfermagem em unidades básicas de saúde de Campinas, São Paulo, Brasil. Cad. Saúde Pública, 2007 fev; 23(2):331-40.
9. Germano RM. Educação e ideologia da enfermagem no Brasil. 2 ed. São Paulo, Cortez; 1985.
10. Nunes BMVT, Santos AMR, Moura MEB, Silva MEDC, Monteiro CFS, Carvalho ML. Memória coletiva da Associação Brasileira de Enfermagem - Seção Piauí. Rev Bras Enferm, Brasília 2007 jul-ago; 60(4):464-469.
11. Nóbrega-Therrien SM, Almeida MI, Silva MGC. Ensino de enfermagem no Ceará de 1942-1956: a memória que projeta o futuro. Rev Bras Enferm, Brasília 2008 jan-fev; 61(1): 125-30.
12. Zulske DM, Nozawa MR. Memória da implantação da Graduação em Enfermagem na Unicamp. Rev Bras Enferm 2006 jul-ago; 59(4):573-577.
13. Mancia JR, Padilha MICS; Ramos FRS; Cordova FP; Amaral NV. Congresso Brasileiro de Enfermagem: sessenta anos de história. Rev Bras Enferm. 2009 maio/jun.; 62(3):471-79.
14. Secaf V, Costa HCBV. Enfermeiras do Brasil: História das Pioneiras. São Paulo: Martinari; 2007.
15. Carvalho, Anayde Corrêa. Associação Brasileira de Enfermagem: 1926-1976. Documentário. Brasília – DF: Documentário da ABEn, 1976.

16. Associação Brasileira de Enfermagem. Marcos Culturais. Disponível em:< <http://www.abennacional.org.br/marcos.html>>. Acesso em: 20 de Outubro de 2008.
17. Padilha MICS, Borenstein MS. O método de pesquisa histórica na enfermagem. Texto Contexto Enferm. 2005 out/dez; 14(4): 575-84.
18. Meihy JCSB. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola; 1996.
19. Meihy JCSB. História Oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto; 2007.
20. Minayo MCS. O Desafio do Conhecimento. São Paulo: HUCITEC-ABRASCO; 1996.
21. Santos TCF, Barreira IA. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. Texto Contexto Enferm. 2008 jul/set; 17(3): 587-93.
22. Gomes MLB, Santos TCF. Construindo a identidade sindical das enfermeiras do Rio de Janeiro (1978 – 1984). Texto Contexto Enferm. 2005 out/dez; 14(4):488-97.
23. Albuquerque GL, Pires D. A construção de uma nova forma de representação profissional – um desafio no “Projeto Político-Profissional da Enfermagem brasileira”. Rev Bras Enferm 2006 mar-abr; 59(2): 228-232.
24. Bassinello GAH, Bagnato MHS. Os primórdios do Projeto Larga Escala: tempo de lembrar. Rev. bras. enferm. 2009 ago; 62(4): 620-626.
25. Padilha MICS, Silva AL, Borenstein MS. Os congressos brasileiros - pontes para a liberdade e transformação da enfermagem. Rev Lat-am Enfermagem 2001;9(3): 7-13.

Agradecimentos

Esta pesquisa recebeu financiamento através de bolsa de Iniciação Científica da FAPESP. Agradecemos à instituição, bem como à assessoria técnica, que com perseverança induziu o aprimoramento efetivo do relatório final, bem como a avaliação crítica do relatório final pelas professoras Suely S. Baptista e Márcia R. Nozawa.